

LER & SER: COMBATENDO O ANALFABETISMO FUNCIONAL

Leonor SCLIAR-CABRAL¹

RESUMO: O projeto Ler & Ser, combatendo o analfabetismo funcional, busca responder ao desafio do mundo contemporâneo: como fazer com que nossas crianças e jovens se insiram num novo mundo do trabalho, que exige proatividade e competências para uma educação continuada? O objetivo da proposta é realizar uma ação consistente e continuada para prevenir o analfabetismo funcional nos municípios participantes, preparando os educadores e elaborando material pedagógico, fundamentados nos mais recentes avanços das neurociências, da psicologia cognitiva, da psicolinguística e da lingüística, a fim de alfabetizar para o letramento. Partimos de duas experiências bem sucedidas: os Círculos de Cultura em Angicos, inspirados no ideário de Paulo Freire e o programa *Early Intervention Initiative*, desenvolvido pelo Conselho do Condado Oeste de Dunbartonshire, na Escócia, o qual conseguiu reduzir o analfabetismo funcional de 28% para 6%. O projeto divide-se em 4 fases bem delimitadas: a) elaboração dos materiais de apoio; b) capacitação dos multiplicadores; c) capacitação dos professores; e) atendimento direto. A metodologia da alfabetização está baseada na vinculação entre o grafema e o fonema, ambos com a função de distinguir significados (consciência fonológica); no reconhecimento dos traços que diferenciam as letras, particularmente a dissimetriação; na identificação dos clíticos e das juntas externas fechadas e na atribuição do acento de intensidade aos vocábulos e à proeminência frasal na leitura.

PALAVRAS-CHAVE: analfabetismo funcional; ler & ser; neurociências; consciência fonológica; dissimetriação.

Desafortunadamente, apesar da massa enorme de material escrito que invade nosso cotidiano, o número de pessoas que não sabem ler é desanimador. Dos que sabem ler, os índices de compreensão são extremamente baixos, o que caracteriza o analfabetismo funcional. O Brasil não é exceção neste panorama, muito menos a Região Sul.

¹UFSC, Curso de Pós-Graduação em Lingüística
Departamento de Língua e Literatura Vernáculas
Rua São Miguel, 1106
Bairro João Paulo
88030-320 Florianópolis, SC
Brasil
e-mail: lsc@th.com.br

Como todos os problemas de difícil solução, também aqui o cenário é complexo, mas os objetivos não são impossíveis de serem alcançados. O objetivo da proposta é realizar uma ação consistente e continuada para reduzir o analfabetismo funcional nos municípios participantes. Para tanto, o projeto partiu de duas experiências bem sucedidas: a experiência dos Círculos de Cultura em Angicos, inspirada no ideário de Paulo Freire e o programa Iniciativa de Intervenção Precoce (*Early Intervention Initiative*), desenvolvido pelo Conselho do Condado Oeste de Dunbartonshire, na Escócia. Este último programa conseguiu reduzir o analfabetismo funcional de 28% para 6. No Projeto Ler & Ser estão agregadas as abordagens das neurociências, da neuropsicologia, psicolinguística, e da linguística, pois aprender a ler e a escrever com competência depende de muitos fatores. O projeto divide-se em 4 fases bem delimitadas: a) elaboração dos materiais de apoio; b) capacitação dos multiplicadores; c) capacitação dos professores; e) atendimento direto.

Foram selecionados 10 municípios que representam uma diversidade étnica, econômica e linguística, permitindo assim que, posteriormente, os resultados obtidos sejam replicados. Levaram-se em consideração, também, na seleção, as possibilidades de articulação com o poder público e a logística para formação de parcerias, capacitação e acompanhamento do processo e dos resultados. Os municípios escolhidos foram, em Santa Catarina, Florianópolis, Criciúma, Jaguaruna, Joinville, São Francisco do Sul,

Tubarão e Blumenau. No Paraná, Curitiba, Fazenda do Rio Grande e Dois Vizinhos.

Serão formados 500 multiplicadores e 2.500 professores, que atenderão uma população de **131.000 crianças e jovens**, sob a coordenação de uma equipe básica de 11 profissionais voluntários, à frente das diferentes atividades que englobam o projeto, dentre as quais destacamos: a) organizar Cursos de Especialização (360 h/a) já aprovado pela Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa da UFSC e de Extensão (180 h/a) presenciais e a distância para multiplicadores; b) supervisionar a capacitação dos professores da educação infantil e do ensino fundamental pelos multiplicadores; c) organizar a elaboração do material didático de apoio tanto para os professores, quanto para os alunos (em curso); d) estimular a participação da família e das comunidades no processo de erradicação do analfabetismo funcional (em curso, com cinco lançamentos oficiais já efetuados em Curitiba, Joinville, Blumenau, Criciúma e Tubarão e com um *blog* na Internet); e) articular a implementação de políticas públicas embasadas no projeto (com subprojetos encaminhados ao CECAD/MEC e CNPq).

Várias **articulações e parcerias** foram firmadas para viabilizar esta abordagem. Ao final do primeiro ano espera-se que multiplicadores e professores envolvidos no projeto estejam capacitados a motivar os alunos a desenvolver o gosto pela leitura, preparando o indivíduo para o letramento pleno. Outros pontos derivados do sucesso do projeto são: redução dos índices de evasão; melhor desempenho dos

alunos em leitura e escrita com reflexo no melhor rendimento em todas as disciplinas; inclusão social; incremento nas competências para habilitação profissional.

Também será monitorado o engajamento da comunidade e dos familiares e a inclusão de alunos com dificuldades especiais.

Ler & Ser: prevenindo um problema de base

O analfabetismo funcional significa que o sujeito, embora tenha freqüentado a escola, não consegue compreender o que leu. Em um mundo com rápidas e constantes mudanças tecnológicas, o analfabeto funcional não conseguirá manter uma educação continuada, imprescindível no mundo do trabalho. Não conseguirá, a partir de um texto básico, agir proativamente, elaborando novos conceitos, ou associando a informação recém obtida com aquela derivada de outras fontes. Além disso, como o pensamento lógico-matemático também depende do entendimento de conceitos que são textuais, o desempenho em matemática, ciências e outras disciplinas fica comprometido. Em Santa Catarina, por exemplo, o analfabetismo apresentava índices de 4,8% em 2004 (observe-se que os indicadores são os anos de escolaridade, isto é, até o 4º ano do ensino fundamental: se fossem realizadas pesquisas domiciliares, a taxa seria muito mais elevada), enquanto que o analfabetismo funcional, no mesmo período, encontrava-se na faixa de 16,3%. Pior: esta taxa cresceu no Brasil, de uma forma geral, ultrapassando, em alguns municípios, mais de 25% e gerando um círculo vicioso que

impede o aumento da geração de renda e provoca mais exclusão social. As repercussões negativas se fazem sentir nas avaliações internacionais, nas quais o Brasil está incluído.

A posição do Brasil

No último relatório do PISA, o Programa de Avaliação Internacional de Estudantes realizado pela OCDE e publicado em 4/12/2007, dentre os 57 países participantes, o Brasil ocupou a 54ª posição em Matemática, a 52ª posição em Ciências e a 49ª em Linguagem. Conforme o último *Boletim INAF* (2007, dez), em 2007, na faixa etária dos brasileiros de 15 a 64 anos temos: 7% de “analfabetos absolutos”; no nível rudimentar, temos 25%; no nível básico, temos 40% e apenas 28% consegue o nível pleno. Decididamente, 32% dos brasileiros não têm as condições mínimas para o exercício da cidadania, nem para refazer a leitura de mundo, a partir da leitura da palavra (FREIRE, 2002, p. 54). Pode-se afirmar que 40% o fazem de forma precária e apenas 28% estão aptos a compreender e refletir sobre os textos necessários ao exercício da cidadania de forma plena.

Um cenário complexo

É importante, para reverter tal situação, **entender por que** ela ocorre. Costuma-se associar o analfabetismo funcional à baixa renda, mas este não é o único fator (já que este tipo de analfabetismo também se encontra em outros cortes sociais, inclusive nas regiões que possuem uma boa estrutura educacional). Mesmo com o

aumento da renda, dos anos de escolaridade e da adoção de medidas paliativas, o analfabetismo funcional não se reduziu de forma significativa. Ou seja: existem outras causas, às quais se somam estas: processo de alfabetização metodologicamente defasado, ou seja, os alfabetizadores desconhecem como se dá a aprendizagem da leitura e da escrita; e falta de envolvimento da família. Portanto, buscou-se uma abordagem inovadora para atacar o problema a partir destes dois pilares, com o uso de uma abordagem que se beneficie dos mais recentes avanços das neurociências. Durante a capacitação realizada junto à rede pública de Santa Catarina (Enriquecimento do Currículo Pré-Escolar, 1983), detectou-se que, embora os salários defasados sejam utilizados como justificativa para processos pedagógicos deficientes, o grande desmotivador é que o professor não vê seu trabalho reconhecido. Ora, a motivação poderá ser resgatada na medida em que o docente, utilizando um ferramental que apresenta resultados visíveis, melhore sua prática diária.

Colocando-se em campo

Em sua primeira etapa, o projeto abrangerá 7 municípios de Santa Catarina e 3 do Paraná, atendendo 131.000 crianças e jovens, o que representa 50% da população beneficiada com a educação municipal. Posteriormente, os resultados poderão ser replicados em outros municípios e regiões do país, bem como a metodologia adotada inserida na formação acadêmica dos professores, seja por via presencial ou a distância.

Para selecionar os municípios integrantes do projeto, foram delineados os seguintes critérios: a) articulação com o poder público; b) representatividade de diversidade sócio-cultural, incluindo-se, assim, populações com diferentes Índices de Desenvolvimento Humano e, principalmente, uma miscigenação étnica e lingüística; c) população e mercado de trabalho; d) integração na Rede de Formação, para minimizar custos, ou seja, contar já com um coordenador local para implementar o projeto.

Objetivos

Objetivo central

O objetivo do Projeto Ler & Ser, combatendo o analfabetismo funcional, é garantir o direito que toda criança, adolescente e jovem adulto têm ao letramento pleno, com isso ampliando o acesso à cidadania e à empregabilidade.

Objetivos específicos

1. Formar 500 multiplicadores para a capacitação dos professores da educação infantil e do ensino fundamental, inclusive EJA das classes envolvidas no projeto.
2. Capacitar 2500 professores da educação infantil e do ensino fundamental das classes envolvidas no projeto.
3. Elaborar material didático para a educação infantil e alfabetização alfabetização baseado na vinculação entre o grafema e o fonema, ambos com a função de distinguir significados (consciência

fonológica); no reconhecimento dos traços que diferenciam as letras, particularmente a dissimetriação; na identificação dos clíticos e das juncturas externas fechadas e na atribuição do acento de intensidade aos vocábulos e à proeminência frasal na leitura, bem como os princípios do sistema alfabético do PB.

4. Mobilizar as respectivas comunidades, familiares e a mídia para o apoio na luta contra o analfabetismo funcional.

5. Atender 131.000 crianças e jovens para reduzir o índice de analfabetismo funcional.

6. Implementar processos calibrados nas políticas públicas.

A Experiência dos Círculos de Cultura em Angicos

O relato a seguir é um resumo do contido em “Os Círculos de Cultura: história e método de Freire em Angicos” (PELANDRÉ, 2002, p. 72).

O método de alfabetização de adultos em Angicos baseava-se nas pesquisas teóricas de Jarbas Maciel, apoiadas em Pavlov e Bertrand Russel e seguia o modelo analítico-sintético, partindo da leitura da palavra, para o reconhecimento dos fonemas, das sílabas e leitura de frases. Dava-se às aulas o nome de Círculos de Cultura, onde se debatia a realidade dos alunos, a partir de temas geradores, de modo que as pessoas se sentissem sujeitos de seu pensar (FREIRE, 1975). Após levantamento do léxico no local, foram escolhidas as palavras geradoras, respectivos desenhos em *slides* e as situações e, em 18/01/1963, o curso de 40 horas foi inaugurado com a presença do

governador do Rio Grande do Norte. A primeira hora/aula era dedicada à cultura; ao término, Freire indagava: “Como é que nós podemos adquirir, em caráter permanente e em caráter crescente a cultura, a experiência humana? Aprendendo a ler e escrever”. Só na terceira aula foi introduzida a primeira palavra geradora, “belota”. A quarta aula foi destinada à recapitulação do reconhecimento das letras e formação de novas palavras com as sílabas. Na aula a seguir, em que a palavra foi “sapato”, além da alfabetização houve muito trabalho de politização. Foram utilizadas dezoito palavras geradoras que ensejavam trabalhar com todas as famílias silábicas, obedecendo uma ordem crescente de dificuldades e cujo conteúdo se referia à realidade dos alunos. A projeção da figura era seguida da projeção da palavra em letra de imprensa, da projeção da letra, ou fonema selecionados e finalmente da família silábica.

Os monitores reuniam-se todos os dias para avaliar e planejar as atividades. As aulas começavam por uma narrativa das atividades de cada um e terminavam por um relato das aspirações e do que mais haviam gostado na aula. O processo foi de **total imersão**: os jovens universitários residiram em Angicos e participavam com os alunos de todas as atividades. Também diversificaram as formas de apresentação do material didático, com jogos e recursos alternativos: os alunos passaram a ajudar na escrita das palavras geradoras nas transparências e, após a vigésima quinta aula, os monitores elaboraram o primeiro jornal, com as famílias das letras conhecidas.

Em 15 de março foi aplicada uma avaliação para verificar o resultado da alfabetização e do grau de politização dos alunos.

A última aula contou com a presença do presidente João Goulart, quando recebeu as cartas escritas pelo alunos. Dos 300 alunos, 122 concluíram o curso e foram considerados alfabetizados.

Conforme o próprio Paulo Freire autocriticamente confessou em entrevista (a última registrada em vídeo, antes de falecer) à Pelandré, algumas falhas teriam sido evitadas se ele já tivesse conhecimento dos avanços da psicolinguística (SCLIAR-CABRAL, 2002).

O programa Iniciativa de Intervenção Precoce

Outra experiência que fundamenta a metodologia a ser utilizada é o programa *Early Intervention Initiative*, desenvolvido pelo Conselho do Condado Oeste de Dunbartonshire, na Escócia, que em junho último recebeu o prestigioso prêmio do *Municipal Journal* pela maior conquista em assistência à criança no Reino Unido (*West Dunbartonshire Council*, 2007). O programa começou em 1997, pois somente 5% das crianças que freqüentavam o 1º ano do primário conseguiam escores altos em leitura: com a aplicação do programa, a cifra subiu para 45%. A reversão do problema também se pode observar no fato de que, em 1997, as crianças com escores baixos que freqüentavam o 2º ano do primário constituíam 11% e em 2007 baixaram para 1%. Ainda em 2001, antes que o Programa apresentasse efeitos nos estudantes que ingressavam na escola secundária, um entre cada três alunos (28%) era analfabeto

funcional: depois de ter freqüentado sete anos do ensino fundamental, seu nível de leitura era o equivalente ao de uma criança de 9 anos e meio. Em agosto de 2005, já sob o efeito do programa, a porcentagem baixou para 6%. O programa prioriza a educação infantil, desenvolvendo a consciência fonológica na educação e utilizando basicamente o método fônico sintético e o enfoque multissensorial, com material elaborado a partir de pesquisas; atividades de intervenção, com uma equipe de professores especialmente treinados; avaliação e monitoria contínuas; tempo extra para a leitura no currículo, assessoria às famílias e de quem cuida das crianças e a implementação de um entorno de letramento na comunidade (*Education Guardian*, 2007). É preciso enfatizar a articulação com as políticas públicas da administração do condado que investiu no projeto de erradicar o analfabetismo funcional, inclusive convocando especialistas como assessores.

Além disso, o projeto considerou importante o concurso da família e da comunidade e foi desenvolvido um trabalho suplementar, chamado de “currículo escondido”.

Assim, o Projeto Ler & Ser está fundamentado em duas vertentes: o ideário de Paulo Freire e as teorias das neurociências, da psicolinguística e da lingüística mais avançadas sobre aprendizagem da leitura e escrita, abordagens que serão a seguir expostas de forma sucinta.

O ideário de Paulo Freire aplicado à alfabetização

Embora o ideário de Paulo Freire seja mais abrangente, colocando-se dentro da filosofia da educação, mais especificamente, dentro da epistemologia da educação, possui princípios que dizem respeito diretamente à alfabetização e ao combate ao analfabetismo funcional, embora ele mesmo dissesse que não tinha um método e, sim, “a curiosidade de um lado e o compromisso político do outro”. Sua proposta consistia numa crítica ou dialética da prática educativa, na qual a metodologia ou método consistiam num método de conhecer e não de ensinar (Freire, 2002, p. 54). Para Freire “a alfabetização é um ato criador” (2002, p. 58) em que a “A prática educativa, simplesmente, não obedece aos espontaneístas”. Tal princípio é de fundamental importância para a presente proposta, uma vez que uma das causas do analfabetismo funcional é a prática de deixar que a criança descubra “espontaneamente” como funciona o sistema alfabético. A estrutura para a alfabetização era piramidal, a partir dos multiplicadores, passando pelos supervisores, até chegar aos professores em sala de aula (FREIRE, 2002, p. 63), estrutura que será adotada na presente proposta.

Competências já existentes

Quando a criança vem para a escola para se alfabetizar já tem uma competência lingüística crescente. Ela tem o comando da oralidade. Então, o que ela vai aprender são as técnicas de escrever e ler, simultaneamente à oralidade. A aquisição da língua oral é espontânea, enquanto a escrita precisa ser aprendida; o que se

aprende são técnicas como, por exemplo, como reconhecer as diferenças entre as letras, como dominar os valores que os grafemas (uma ou mais letras) têm; como realizar a pré-leitura; como fazer um esquema para planejar a redação etc. O princípio adotado enfatiza as relações entre a língua oral e a escrita nos sistemas alfabéticos e.

As teorias psicolinguísticas mais avançadas sobre aprendizagem da leitura e escrita, em especial, sobre alfabetização, bem como sobre processamento da fala e da escrita e sobre os princípios do sistema alfabético do português do Brasil - estes últimos, formalizados pela proponente, pela primeira vez, em língua portuguesa (SCLIAR-CABRAL, 2003) embasam, igualmente, a motivação, os objetivos e as ações da equipe e podem ser esquematicamente resumidos nos pontos a seguir.

Diferença entre oralidade e escrita

Desconhece-se qualquer comunidade humana normal na qual o meio de comunicação não seja a fala: o aparecimento da fala não depende de qualquer tempo ou espaço histórico específico e, não importa qual seja a família ou tipo lingüísticos, o canal privilegiado será o áudio-vocal. Onde quer que sejam encontrados traços de humanidade, sendo um deles o lançamento de dardos grosseiros e primitivos com a mão direita, pode-se inferir algum tipo de especialização do hemisfério esquerdo que possibilitou o uso da linguagem verbal oral. Assim, embora muitos pais e pessoas que cuidam das crianças conscientemente procurem ajudá-las no desenvolvimento da linguagem oral, a ausência de assistência consciente não impede a

aquisição da linguagem oral em crianças normais expostas à interação. O mesmo não é verdadeiro em relação à escrita. Entendida como um modo secundário, distinta da pintura, do desenho ou de outros meios de memorização, a escrita apareceu muito recentemente, se comparada com a modalidade oral. Embora sistemas de proto-escrita tenham sido encontrados ao redor de 10.000 ou 12.000 anos atrás, o sistema sumério, considerado o mais antigo, apareceu há 5.000 anos e os sistemas alfabéticos ainda mais tarde. Foi necessário muito tempo para acumular conhecimentos e tecnologia suficientes e sob a pressão de necessidades socioeconômicas para se descobrir o princípio de que as palavras escritas eram constituídas por unidades menores que a sílaba, responsáveis pelas diferenças de significados e de que estas pequenas unidades poderiam ser representadas por signos escritos (a invenção do alfabeto). É por isso que este aprendizado é complexo, ao contrário do que se insiste em dizer.

Desafios encontrados

Entender as diferenças entre a **aquisição** da fala e a **aprendizagem** da leitura e da escrita é um grande passo para erradicar o analfabetismo funcional, pois propiciará aos educadores ferramentas para melhor abordarem os desafios que encontram na prática diária. A criança normal espontaneamente fala os primeiros itens por volta dos 12 meses enquanto o sistema escrito, em geral, só é aprendido por volta dos 6 anos: a aprendizagem intensiva e sistemática é

necessária, na maioria dos casos. O alvo é tornar o indivíduo apto a compreender e interpretar os textos que circulam, bem como a redigir os de que necessita. Quais são as maiores dificuldades à alfabetização?

1) a aprendizagem dos princípios de um sistema alfabético implica refazer a percepção que o indivíduo tem da cadeia da fala como um contínuo, o que impõe o desenvolvimento da consciência fonológica desde a Educação Infantil e um trabalho sistemático de identificação das classes de palavras, em particular, dos clíticos. O desenvolvimento da consciência fonológica deve se apoiar no conceito de função: os fonemas, assim como os grafemas, são unidades que servem para distinguir significados. Não devem ser feitos exercícios mecânicos que se assemelham às cartilhas com textos matracas. Por outro lado, os professores precisam dominar a fonologia e a fonética das variedades sociolingüísticas de seus aprendizes, para não aplicarem exercícios inexequíveis e, ao mesmo tempo, respeitarem as variedades, propiciando a inclusão.

2) O código escrito se caracteriza por um estado de inércia maior, se comparado com as mudanças diacrônicas mais rápidas que ocorrem nos sistemas orais. A variação sociolingüística não afeta as letras que constituem o código escrito, o qual deverá abarcar todas as variantes fonéticas de uma dada língua falada. Uma vez que as línguas das quais cada sistema alfabético é dependente mudam mais rapidamente do que sua contrapartida escrita, algumas relações fonêmico-grafêmicas passam a ser cada vez mais opacas com o passar do

tempo e somente as regras de derivação morfológica ficam produtivas para algumas famílias de palavras; neste caso, um léxico mental ortográfico precisa ser fixado de memória, o que torna de novo o sistema anti-econômico. Embora não exista correspondência biunívoca entre qualquer das variedades sociolingüísticas e a norma escrita, a distância é certamente maior se examinarmos as variedades que são consideradas como não tendo prestígio: em geral, os professores não estão preparados para o encaminhamento das disparidades sociolingüísticas individuais, nem para as diferenças fonético-fonológicas e morfológicas relacionadas com o sistema alfabético adotado como única norma. A diversidade sociolingüística oral é um fato inquestionável em contraposição a um código escrito único para uma dada língua. É necessária uma atitude ideológica positiva por parte dos professores para com as variedades sociolingüísticas que diferem das supostas normas de prestígio e professores bem formados, particularmente nas primeiras séries do primeiro grau, que possam descobrir a forma individual falada pelos estudantes a fim de que, em conjunto, construam as regras adequadas de correspondência fonológico-grafêmicas. É igualmente necessário esclarecer que o sistema escrito do português do Brasil é extremamente transparente para a decodificação (leitura), o que não tem sido explorado na alfabetização, porque os professores e autores de cartilhas desconhecem os princípios do sistema alfabético do português do Brasil.

3) Para que reconheça a palavra escrita, condição necessária para a construção do sentido, o indivíduo terá que automatizar durante a aprendizagem o reconhecimento das diferenças entre as letras. Os traços mais elementares que constituem as letras são as retas e as curvas, cujo reconhecimento, em suas formas invariantes, não é privilégio da espécie humana. Porém, o que caracteriza a utilização dessas formas invariantes na estruturação de um sistema alfabético é o desdobramento em pequenas diferenças, o modo como se articulam e o acréscimo de outros traços diferenciais, que são: a relação com uma linha real ou imaginária (somente nas minúsculas), a direção para cima ou para baixo, e para a direita ou para a esquerda (esse último, o mais complexo dos traços que diferenciam as letras entre si, pois vai de encontro à programação natural dos neurônios para buscar a simetria na informação visual).

As pequenas diferenças que são:

- **posição da reta:** vertical, horizontal ou inclinada. Por ex., na letra **E**, observamos uma reta vertical e três horizontais, enquanto na letra **V**, observamos duas retas inclinadas;

- **tamanho da reta.** Você pode notar que os traços horizontais são sempre menores que os verticais (sempre do mesmo tamanho, numa mesma fonte). Compare, por exemplo, esses tamanhos nas letras **E**, **F**, **H**, **L** e **T**.

- **relações entre os traços numa mesma letra.** As relações podem ser entre retas (em qualquer das posições), entre curvas ou mistas, variando o local onde os traços menores se colocam em relação ao

eixo principal e quantos são. Assim, a única diferença entre **E** e **F** está no fato de **E** ter um traço horizontal a mais na base, e de ambos se diferenciarem de **L** porque esse só possui um traço horizontal na base.

4) A cadeia de comunicação escrita ocorre na ausência de um futuro leitor, enquanto o redator está produzindo sua mensagem. A recíproca também é verdadeira para o ato de leitura, com a diferença de que o ato de escrita deve precedê-lo. Esta importante característica da cadeia escrita implica a ruptura espaço-temporal, com conseqüências na estruturação do texto. O

desenvolvimento de novas tecnologias resultou na superposição da mídia áudio-vocal e escrita: muitos dos critérios que assinalam as discontinuidades entre eles desapareceram. Por exemplo, a comunicação telefônica é um meio oral, onde o *continuum* espacial foi rompido, mas ondefreqüentemente tomamos notas, ou mesmo gravamos mensagens na secretária eletrônica.

As regras de codificação que devem ser automatizadas na aprendizagem da escrita são: a) Regras independentes do contexto. Exemplo: codificação do fonema /p/ em “p”; b) Regras dependentes só do contexto fonético. Exemplo: o fonema /R/ só vai se codificar como “rr”, se estiver entre vogais e iniciar a sílaba, dentro de uma palavra, como em “carro”. O problema é mais complexo quando há **alternativas competitivas** para o mesmo contexto fonético. É necessário selecionar no léxico mental ortográfico o item que emparelhe semântica e morfossintaticamente com a forma

fonológica. As alternativas competitivas constituem a grande dificuldade ortográfica, pois o corretor do computador não assinala o erro (uma vez que várias grafias são possíveis); c) Dependentes da morfossintaxe e do contexto fonético. Exemplo: se o vocábulo for verbo, no mesmo contexto, a semivogal /j/ se grava sempre "m", como em "escrevem", "amem", "partirem"; d) Derivação morfológica: estas regras evitam a sobrecarga do léxico mental ortográfico, mesmo nos contextos competitivos. Uma vez memorizadas no léxico mental ortográfico as formas primitivas, elas se mantêm na derivação, obedecendo, porém, as restrições impostas pelo contexto fonético. Em resumo, é importante lembrar os princípios que fundamentam a proposta: a) a recepção precede a produção, isto é, para saber escrever, é preciso saber ler; b) distúrbios da linguagem não devem ser confundidos com problemas de aprendizagem. Por exemplo, problemas atencionais, má alfabetização, diversidade sociolingüísticas, etc; c) quando lê, a criança converte o que lê na sua variedade sociolingüística (respeitá-la na leitura em voz alta); quando escreve, dá-se o inverso; d) a explosão científica e tecnológica acarreta novos universos do discurso e uma respectiva densidade lexical e semântica excessivamente nova em cada texto, de modo que o leitor não pode inferir o sentido das palavras pelo contexto circundante, o que impacta no analfabetismo funcional; e) o sistema escrito é um só em todo o território.

Referências bibliográficas

Civilliberties (2007) . The teleconference about functional illiteracy.

<http://civliber.blogs.bftf.org/2007/07/27/the-teleconference-about-functional-illiteracy/>. (Acesso em 24/10/2007).

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

_____. A voz do pedagogo da indignação: Paulo Freire entrevistado em 1992, em sua residência, em São Paulo. In: PELANDRÉ, N.L.

Ensinar e aprender com Paulo Freire 40 horas 40 anos depois. São Paulo: Cortez, 2002, p. 54-71.

GILBERT, C. Commentary by Her Majesty's Chief Inspector. In: **The Annual Report of Her Majesty's Chief Inspector 2006/07**. Ofsted, 2007.

http://live.ofsted.gov.uk/publications/annualreport0607/commentary/page_1.htm. (Acesso em 29/10/2007).

GUARDIAN UNLIMITED. Sounds incredible. **The Guardian**. Tuesday July 10, 2007. (Acesso em 24/10/2007).

<http://education.guardian.co.uk/egweekly/story/0,,2122125,00.html>
INAF. Encontro nacional reúne instituições que combatem o analfabetismo funcional. **Boletim INAF**, 29/10/2007.

http://www.ipm.org.br/ipmb_pagina.php?mpg=4.03.00.00.00&ver=por. (Acesso em 29/10/2007).

OCDE. **OCDE in figures**. 2005. <http://ocde.p4.siteinternet.com/publications/doifiles/012005061T032.xls>. (Acesso em 24/10/2007).

_____. **PISA, 2003** Country Profiles. <http://pisacountry.acer.edu.au/> (Acesso em 24/10/2007).

PELANDRÉ, N.L. **Efeitos a longo prazo do método de alfabetização Paulo Freire**. Florianópolis, 1998. Vols. I e II, 523 p. Tese (Doutorado em Letras/Linguística) – Curso de Pós-Graduação em Letras/Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina.

SCLIAR-CABRAL, L. Apresentação. In: PELANDRÉ, N.L.

Ensinar e aprender com Paulo Freire 40 horas 40 anos depois. São Paulo: Cortez, 2002, p. 25-31.

SCLIAR-CABRAL, L. Bateria de recepção e produção da linguagem verbal. In: SCLIAR-CABRAL, L. **Guia prático de alfabetização**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 119-250.

SCLIAR-CABRAL, L. Revendo a categoria “analfabeto funcional”. **Revista CriarMundos**, nº 3 (especial) **Home Índice Editorial Links "Año del libro"**, 2003.

<http://www.wdcweb.info/news/displayarticle.asp?id=12752>.

UNESCO Institute for Statistics. **Literacy survey**.2007.

www.uis.unesco.org/profiles/selectCountry_en.aspx . 12752 (Acesso em 29/10/2007).

West Dunbartonshire Council. Literacy initiative wins major award. **News Room**. 29/07/2007.

<http://www.wdcweb.info/news/displayarticle.asp?id=12752> (Acesso em 29/10/2007).